

ORAÇÕES RELATIVAS E AQUISIÇÃO DE L2

Rossini Fonseca SILVEIRA¹

Resumo: Este artigo traz uma revisão literária sobre a estrutura das orações relativas e a forma como os universais tipológicos têm contribuído para as pesquisas sobre a aquisição de L2. Para tanto, são apresentadas ilustrações dos subtipos de orações relativas em línguas como o inglês, o português, o francês e o espanhol, demonstrando que o fenômeno da relativização oferece uma descrição sintática que se estabelece entre os elementos constituintes das orações. Os estudos realizados até então sobre esse tópico revelaram que os aprendizes seguem um padrão hierárquico de aquisição, adquirindo primeiro as estruturas mais básicas e menos complexas, o que permite a previsão de estágios diferentes para a aquisição de uma L2, com base no uso de pronomes resumptivos relacionados a aspectos contextuais, semânticos e pragmáticos.

Palavras-chave: Aquisição de segunda língua. Orações relativas. Pronomes resumptivos.

Abstract: This article provides a literary review of the structure of relative clauses and the way in which typological universals have contributed to research on the acquisition of L2. For this purpose, illustrations of the subtypes of relative clauses in languages such as English, Portuguese, French and Spanish are presented, demonstrating that the phenomenon of relativization offers a syntactic description that is established among the constituent elements of the clauses. The studies carried out so far on this topic have revealed that learners follow a hierarchical pattern of acquisition, first acquiring the most basic and least complex structures, which allows the prediction of different stages for the acquisition of a L2 based on the use of resumptive pronouns related to contextual, semantic and pragmatic aspects.

Keywords: Second language acquisition. Relative clauses. Resumptive pronouns.

Introdução

Nas últimas décadas tem-se empregado um grande esforço sobre a análise daquilo que é comum e do que é diferente entre as línguas do mundo. Esses estudos nascem como resposta à linguística teórica representada nos anos 60 pelo modelo gerativo-transformacional clássico, pois, como afirma Espinosa (2006) é fato que os falantes não possuem uma língua homogênea, ao que se propõe uma perspectiva de estudo interlinguístico, por meio do qual se pretende conhecer o que é igual entre as línguas e suas características representativas.

Em função da identificação das semelhanças, as línguas podem ser classificadas em tipos linguísticos, caracterizados por uma combinação de traços estruturais logicamente independentes. Sob esse foco, são consideradas pertinentes aquelas propriedades que permitem fazer previsões compreensíveis sobre a estrutura das línguas pesquisadas. Contudo, a comparação não se limita aos critérios de níveis respectivos, mas aos relacionamentos que são frequentemente estabelecidos entre diferentes níveis.

¹ Doutorando do Curso de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás – GO, rossinifonseca1975@gmail.com

Se por um lado, tal perspectiva comparativa fornece semelhanças que contribuem para a determinação das chamadas generalizações ou universais linguísticos, por outro, os resultados também podem ser aplicados a outras áreas nas quais a língua seja o objeto final e não o instrumento, tais como: tradução e ensino-aprendizagem.

Com muita frequência, as orações relativas vêm sendo utilizadas em estudos de diferentes áreas em função das singularidades apresentadas tanto com relação à sua configuração sintática, quanto às possibilidades de análise que essa mesma corporatura permite para as diversas compreensões daqueles que pesquisam esse objeto.

Nessa perspectiva, Eckman (2010, p. 632) aponta para a necessidade de se pesquisar “regularidades da L2 que não podem ser derivadas da influência da língua nativa e nem podem ser explicadas com base no *input*, mas são atestadas na gramática de outras línguas do mundo e obedecem a generalizações universais”, bem como apresentar processos de aquisição e aprendizagem de segundas línguas que não se restrinjam ao inglês, referindo-se ao grande número de pesquisas já existentes para este fim.

Com esse objetivo, o presente estudo propõe uma revisão literária sobre a estrutura das orações relativas e a forma como os universais tipológicos têm contribuído para as pesquisas sobre a aquisição de L2, com ilustrações dos subtipos de relativas em línguas como o inglês, o português, o francês e o espanhol. Nesta acepção, destaca-se a ocorrência significativa das construções relativas não padrão, como a presença discursiva dos pronomes resumptivos.

Para tanto, este artigo foi organizado, além desta introdução, em quatro seções. Primeiramente, algumas generalizações sobre o campo da pesquisa são feitas a partir do tema: tipologia e aquisição de segunda língua, em seguida, é analisado, sob o enfoque semântico, o modo como conceitos e ideias são expressos por meio das orações relativas para então, propor uma reflexão acerca da identificação de universais tipológicos relacionados à aquisição de orações relativas nas línguas citadas acima, o que conduzirá a algumas conclusões.

Universais tipológicos e a aquisição das orações relativas

Tipologia e aquisição de L2.

A busca por um tipo, conjunto de semelhanças que reúne em si as características distintivas para o estabelecimento de uma classe, é o objetivo da abordagem tipológica dentro dos estudos linguísticos. Em um sentido amplo, a comparação linguística historicamente orientada procura congrega, em uma unidade profunda, a diversidade encontrada nas línguas naturais espalhadas por todo o mundo, pois, apesar de exames superficiais revelarem que as diversas línguas apresentam espantosas diferenças, análises mais complexas suscitam características subjacentes que permitem associá-las conjuntamente a um tipo; para tanto:

A comparação tipológica está baseada em características gerais dos sistemas e estruturas das línguas, e assim forma parte do mais amplo processo de classificação de qualquer fenômeno observado de acordo com semelhanças apresentadas de forma e estrutura. Seus grupos linguísticos são estabelecidos independentemente das famílias históricas das línguas e podem em parte concordar com elas ou atravessar seus limites. (ROBINS, 1981, p. 336)

De acordo com artigo de Pires (2010), publicado em Cadernos de Letras da UFF, existem mais de 6.000 línguas diferentes no mundo, quantitativo que abrange uma

compreensão do conceito de língua tanto como comunidade de fala, quanto como suas possíveis variações dialéticas. Contudo, esse imenso quantitativo pode exibir semelhanças em algum nível. De acordo com os estudos em tipologia linguística, existe uma unidade básica que está no cerne de todas as línguas humanas. Um conjunto de propriedades que são compartilhadas e vêm se tornando fundamental para o desenvolvimento da linguística moderna.

Nesse caminho, a tipologia linguística pesquisa as línguas em um modo transversal e as classifica não como derivadas de um ancestral comum (como na abordagem histórico-comparativa), mas com base na pertinência a um tipo estrutural comum. Deste modo, a tipologia pode ser definida, segundo Whaley (1997), como um estudo de classificação de línguas ou seus componentes com base em características formais que são compartilhadas e demonstradas por padrões que ocorrem sistematicamente.

Ainda de acordo com a autora, “há uma unidade básica que subjaz a impressionante diversidade de línguas do mundo. Se é apache ou zulu, ou hindu, ou hebraico, há certas propriedades centrais que as línguas têm em comum” (p. 4). Esta afirmação presume que a identificação dessas propriedades possibilita a descrição de universais linguísticos, ou seja, características semelhantes compartilhadas pelas diversas línguas do mundo. Portanto, a tipologia não pode ser vista como uma disciplina puramente descritiva, mas preditiva, uma vez que possibilita a individualização do princípio subjacente às várias propriedades correlatas.

Portanto, a inscrição de uma língua em um tipo é determinada pela compatibilidade estatística de sua estrutura com o grupo de línguas que compõe esse tipo. Entretanto, isso não significa que tais características ocorram sempre e com certeza no uso das línguas, mas que é provável que apareçam. Nesse entendimento, os tipos representam simplificações da multiplicidade das línguas que existem, não a reprodução integral e fiel delas. A configuração tipológica torna-se então, um reflexo das estratégias de que a língua predispõe para resolver os problemas comunicativos.

Em contraponto à linguística gerativa, as generalizações indutivas sobre as características das línguas humanas ou universais tipológicos não são propriedades inatas da mente humana, pois não privilegiam a linguagem como foco para estudos sobre sua capacidade linguística dos seres humanos, mas sim sobre sua natureza, o que permite entender sua estrutura e funções.

Dessa feita, as pesquisas tipológicas vêm desempenhando um importante serviço para o desenvolvimento de estudos sobre a aquisição de L2(segunda língua) o que vai além da possibilidade de fornecer somente dados empíricos, pois pode também contribuir para distinguir ou apurar as propriedades universais (COMRIE, 1984; GIACALONE RAMAT, 2003) capazes de auxiliar a compreensão de fenômenos e processos durante a aquisição de uma L2.

De acordo com Ellis (1985), a relação dos universais linguísticos com o processo de aquisição de L2 é complexa, pois envolve duas línguas (nativa e alvo) que influenciam na construção de uma gramática de interlíngua, formada na mente do aprendiz. O problema é que essa terceira natureza estrutural se mostra susceptível a um conjunto de forças que se origina da disputa entre o conhecimento linguístico universal e a gramática da língua materna, provocando questionamentos sobre as escolhas linguísticas no uso da L2, bem como na organização dos conhecimentos em posição central ou periférica, em relação ao eixo dessa gramática de transição.

Em decorrência de tais fatores, as implicações das descobertas tipológicas sobre a aquisição de L2 têm despertado um grande interesse nos linguistas. De acordo com Giacalone Ramat (2009), a relevância desses estudos se dá, principalmente em dois

aspectos: primeiro, a aquisição de L2 envolve comparação estrutural e funcional entre as línguas materna e a alvo, uma vez que a distância tipológica entre as línguas pode ser correlata às dificuldades e ritmo de aprendizagem; em segundo, é preciso considerar que a interlíngua do aprendiz é um subconjunto dentro das línguas humanas e, como tal, representa uma fonte para a validação dos universais tipológicos.

A partir desta aceção, um parâmetro que demonstrou grande capacidade de previsão é aquele relativo a algumas estruturas sintáticas, cuja ordem dos constituintes prevê, com boa probabilidade, a ordem dos constituintes de outras. Exemplo dessas estruturas são o sintagma verbal (SV), sintagma nominal (SN) e a oração relativa, sendo esta última o objeto de discussão do presente artigo em relação a processos de aquisição de L2 e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE).

As estruturas das orações relativas têm ocupado papel central como objeto de pesquisa da teoria linguística emergente. Esse destaque se dá pela possibilidade de compreender, através da aquisição das orações relativas (capacidade de produzi-las de forma contextualizada), o processo de desenvolvimento linguístico durante a aquisição de L2 e aprendizagem de LE.

O interesse por tais construções sintáticas define-se como meio mais claro e objetivo para identificação do sistema formal, subjacente a enunciados linguísticos, responsável por explicar o reconhecimento da gramática de uma dada língua. Assim, as diferentes estratégias de uso das relativas empregadas por esses sistemas constituem variáveis de escolhas reais realizadas pelos falantes, diante da necessidade de exercer diferentes funções discursivas e sociais. Aspectos que serão discutidos na próxima seção.

Como conceitos e ideias são expressos por meio das orações relativas?

A sintaxe e a semântica das orações relativas, sob diferentes abordagens teóricas, têm demandado acentuada atenção do pensamento linguístico. Primeiro por se tratar de um fenômeno altamente produtivo nas línguas naturais, uma vez que se manifestam em diferentes graus de complexidade morfosintática e semântico-pragmática e, em segundo, apesar da grande quantidade de estudos já realizados, há ainda muito sobre o assunto que precisa ser compreendido, pois como assume Chomsky (1995, p. 382), “ainda não possuímos uma boa teoria sintática acerca de problemas como as orações relativas”.

Um dos aspectos importantes a ser abordado na pesquisa sobre as orações relativas diz respeito à sua descrição sintática formal. O fenômeno da relativização, por exemplo, ao mesmo tempo que oferece uma descrição sintática da estrutura que se estabelece entre os elementos constituintes das relativas, também permite a caracterização semântica informal dessas orações. Em sua forma típica, uma relativa desempenha a função de modificador de uma expressão nominal (N), como no exemplo abaixo em que a oração relativa é [que Jorge construiu] e a expressão N é [casa]:

- (1) A [casa] [que Jorge construiu].

Por outra configuração formal, a expressão N pode ser relativizada, mas não ser foneticamente visível na oração. Nesse caso, a natureza da relativa é denominada sem núcleo ou relativa livre. Em (2) segue um caso que ilustra esse tipo de relativa.

- (2) Não conheço [quem você sabe]

Na relativa acima, a expressão N denota uma classe de objetos quaisquer e a oração relativa denota outra classe qualquer. Semanticamente, a relativização se dá por meio da interseção entre a classe denotada por N e a classe denotada pela oração relativa.

Em comparação com a oração em (1), a classe casa denotada por N e a classe X que Jorge construiu (denotada pela relativa), a interseção se estabelece pela igualdade de valores entre X e N. Assim, a classe casa é restrita à classe casa que Jorge construiu. A descrição formal deve explicar como na sintaxe a relação entre N e a relativa torna-se visível, inclusive quando a expressão N está foneticamente ausente, como acontece em (2).

Desse modo, a compreensão das orações relativas está vinculada percepção de três conceitos estruturais, frequentemente mencionados: a) são encabeçadas por um elemento denominado de pronome relativo; b) atuam como complemento nominal; e c) são sentenças subordinadas.

Quanto à relação com o antecedente, as orações relativas são tradicionalmente distintas em: relativas restritivas (específica) e relativas não-restritivas (explicativas, apositivas ou incidentais). Nessa concepção, os restritivos relativos são aqueles que estabelecem uma ligação com seus antecedentes mais próximos, na medida em que modificam um núcleo nominal e caem no âmbito do determinante, formando assim, uma frase nominal.

Do ponto de vista semântico, as relativas restritivas restringem a referência potencial do nome, já as não-restritivas apresentam uma relação diferente com o antecedente, o qual já é uma frase nominal, portanto, elas não restringem a referência, mas predicam sobre a frase nominal antecedente. Nesse sentido, a relação entre a oração subordinada e a oração principal pode, em muitos casos, ser tratada como uma relação de coordenação e inclusive considerar a subordinada como um complemento adjunto da oração principal (BRUCART, 1997, p. 307).

Assim, a construção de sentenças relativas repousa sobre um mecanismo complexo que permite expressar a relação entre duas sentenças que têm um constituinte correspondente. O pronome relativo, então, é considerado a dobradiça que liga esse mecanismo. E isso só é possível porque esse pronome reúne, em um único léxico, valor subordinado e pronominal que estabelecem a ligação e se referem ao antecedente. O pronome também pode ter recursos de flexão para a concordância de gênero e número (quem, o qual, a qual), que são características de congruência semântica. E por fim, o pronome relativo deve apresentar as marcas do caso correspondente à posição sintática a qual é revitalizado.

Numa acepção psicológica, de acordo com Levelt (1989), a produção linguística inicia-se com a interação pré-linguística do falante e termina com a articulação das expressões linguísticas. Desta forma, o processo de elaboração de sentenças relativas é submetido às operações de formulação e codificação. Na formulação são selecionadas as representações pragmáticas e semânticas válidas para uma dada língua, já na codificação é determinada a conversão dessas representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas.

Portanto, a sentença relativa é codificada de maneira que o pronome relativo, obrigatoriamente na posição inicial, aponte para o antecedente e muitas vezes expresse, a partir da posição pré-verbal, as funções sintáticas dos constituintes que normalmente ocupam posições pós-verbais. Esta posição frontal do relativo, com suas marcas, implica um descompasso com a posição da função que expressa, o que pressupõe uma estratégia cognitiva complexa, ou seja, para decodificar a mensagem, o ouvinte / leitor deve manter a frase nominal deslocada na memória, até que encontre o local apropriado na estrutura sintagmática da sentença subordinada para encaixá-la, o que é feito por meio de estratégias de engajamento entre duas frases que têm um constituinte correspondente.

Universais tipológicos e a aquisição das orações relativas.

A comparação tipológica analisa as características gerais da estrutura das línguas, buscando observar os fenômenos conforme as semelhanças apresentadas. Neste mesmo sentido, Comrie (1989) afirma que a pesquisa tipológica não está preocupada com os limites de variação dos fenômenos, mas com as possíveis variações. Para este efeito, não são relevantes as características isoladas, mas as consideradas pertinentes por possibilitarem a realização de previsões sobre a estrutura das línguas pesquisadas, sendo este o parâmetro utilizado para a definição de um tipo, ou conjunto de propriedades que se relacionam de alguma forma.

Presume-se, pois, que para uma análise tipológica o *corpus* observado não deve ser restrito a uma língua, ou mesmo um pequeno grupo de línguas de uma mesma família. Desse modo, um estudo eficaz deve considerar a transcendência dos limites de um idioma, o que prevê a investigação de diferentes línguas e permita uma apreciação criteriosa de tantas outras. Isto significa que as propriedades formais de um determinado tipo linguístico só serão descobertas por meio de uma verificação interlinguística.

Aspectos relacionados à dificuldade de aprendizagem e transferência em relação à L2 têm constituído um vasto campo de pesquisa para a linguística. Para Cook e Newson (1995) as propriedades dependentes da mente humana que compõem a Gramática Universal consistem de um conjunto de regras que não são particulares a uma língua, mas constituem um conjunto de princípios gerais que se aplicam a todas as línguas. Em complemento, Ellis (1985) afirma que a gramática universal é composta de universais formais e substantivos (universais da Gramática Universal já considerados), e que isso ajuda o aprendiz a construir uma gramática básica constituída por regras não marcadas.

Ellis (1985) também atenta para a existência de outras regras que são marcadas em graus variados e que formam a periferia das propriedades constituintes da Gramática Universal. Dessa forma, universais tipológicos do tipo implicacional se constituíram e passaram a ser usados para identificar a presença de uma propriedade linguística relacionada a outras, o que permite supor que se uma propriedade está presente em dada língua, outras, a partir dessa encontrada, possam estar presentes em todas as outras línguas do mundo.

Os tipos de implicacionais universais surgem de acordo com a forma em que são agrupados ou ordenados. Um dos exemplos mais utilizados para o entendimento de um agrupamento é a ordem frasal Verbo-Sujeito-Objeto, o que implica dizer que se uma destas propriedades estiver presente em uma língua, então esta língua também terá todas as outras. Assim, em uma hierarquia, as propriedades relacionadas são ordenadas de tal forma que a existência de uma propriedade implica a presença de todas as outras em níveis superiores, mas não inferiores (ELLIS, 1985). Por exemplo, a Hierarquia da Acessibilidade para Orações Relativas de Comrie e Keenan fornece uma ordem para as orações relativas de acordo com a função gramatical do pronome relativo.

- (3) Hierarquia de acessibilidade a frases nominais (HAFN):
 Sujeito > Objeto direto > Objeto indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de comparação

Esta hierarquia representa uma generalização implicacional em que os seis tópicos da hierarquia denotam as variedades de relativas em termos da posição gramatical que têm sido revitalizadas para formar uma oração. Essas posições correspondem a função gramatical que cada pronome relativo exerce na frase, caracterizados nos seguintes exemplos:

- (4) a. O homem **que** chutou o carrocho. [Su] (Sujeito)

- b. A árvore **que** o homem cortou. [OD] (Objeto direto)
- c. O homem para **quem** ela preparou o bolo. [OI] (Objeto indireto)
- d. A casa sobre a **qual** eu falei. [Obl] (Oblíquo)
- e. O cachorro **cujo** dono morreu. [Gen] (Genitivo)
- f. O homem **que** eu sou mais rico que ele. [OComp] (Objeto comparativo)

A generalização sobre esse aspecto é que se uma língua apresenta um tipo X de oração relativa na HAFN (3), então essa língua terá todos os outros tipos à esquerda. Portanto, é estabelecida uma relação de marcação em que o nível mais acessível seria o primeiro tipo (sujeito – tipo a em (3), menos marcado, e o tipo f em (3) – objeto comparativo - seria o mais marcado, por conseguinte, o mais difícil. Essa hierarquia seria comum na maioria das línguas do mundo.

Ao abordar a questões da marcação das funções gramaticais dos elementos envolvidos na HASN, Eckman (1985) procurou prever as dificuldades que o aprendiz enfrentaria, durante o processo de aquisição, tendo como base as relações de marcação e diferenças entre a L1 e a L2. Para tanto, o autor propôs a Hipótese da Marcação Diferencial (HMD).

Após estudo e análise dos efeitos de instrução sobre a relativização, Hamilton (1994) expôs a Hipótese da Generalização Implicacional (HGI) e também a proposta Hierarquia Sujeito-Objeto (HSO). Na primeira, o autor propõe que se um aprendiz está sujeito à instrução implícita ou explícita, ele a generalizará para os outros níveis da hierarquia, ou seja, a instrução seria generalizada do nível o qual ela foi ministrada para os níveis inferiores a ela relacionados, de forma que todos os demais níveis também seriam adquiridos e não só o instruído. Já a HSO prevê uma hierarquia de dificuldade na aquisição da relativização baseada na descontinuidade da oração principal ocasionada pelo encaixamento da oração relativa.

Ainda em relação a HASN, Eckman (2010) afirma que nem todas as línguas têm todos os tipos de relativas. O autor cita o exemplo das línguas Malgaxe e Toba Batak que só têm a relativa em que o pronome relativo tem a função de sujeito da oração (como em (4 a)). Ele ainda afirma que as línguas grega, kinyarwanda e persa apresentam mais de um tipo das orações relativas previstas pela HAFN, mas não todas. O autor também afirma que aspectos das orações relativas têm sido foco de muitas pesquisas em L2. Um importante fato é que algumas línguas permitem ou requerem pronomes resumptivos nessas orações, como nos exemplos das relativas agramaticais (5), em inglês:

- (5) a. *There is a woman who **she** is my siter. (Op. Cit. ex (4))
- b. *There is the woman who(m) I registered **her**.
- c. *There is the woman to whom I sent an application to **her**.
- d. *There is the woman whom I read in the newspaper about **her**.
- e. *There is the woman who **her** sister graduated last year.
- f. *There is the woman who I am older than **her**.

A presença do pronome resumptivo nas mais diferentes línguas é sistemático e sua relação com a HAFN acontece da seguinte maneira: se uma língua exige pronomes resumptivos em um tipo X de relativa, essa língua exigirá o mesmo em todas as outras relativas à direita do tipo X, mas não à esquerda. Assim, a permissão ou exigência do pronome resumptivo em algumas línguas passa a ser analisado como tópico discursivo em posição não-argumental, coindexado, um lembrete que pode ser nulo ou lexical, como nos exemplos abaixo retirados de Corrêa (1998, p. 9):

- (6) a. ... **aquele outro** então, a gente tira retalhos **Ø**. (op. cit., ex (9))
- b. **Esses tubérculos eles** se hipertrofiam de maneira considerável.

A autora afirma que as construções com pronomes lembretes (resumptivos) são muito produtivas em língua portuguesa. Elas são consideradas como pertencentes à fala (uso mais agramatical) e tendem a ocorrer quando o termo descolado (sujeito da oração) “é longo (7 ou mais sílabas) e há material interveniente entre este e o verbo”. Outro ponto relevante é que, quando a oração relativa forma com o termo deslocado um sujeito complexo, favorece o aparecimento do pronome lembrete, pesando sobre ela um estigma social. (CORRÊIA, 1998, p. 10)

Observa-se assim, que a construção de relativas em português perpassa por questões relacionadas ao uso de variedades coloquial e padrão da língua, e podem apresentar três formas variantes de relativização, conforme se apresenta abaixo:

- (7) a. A comida **de que** elas gostam.
b. A moça **cujo** vestido é longo.

As orações (7) a e b representam formas de revitalização padrão na língua portuguesa. Nelas a posição antes ocupada pelo termo relativizado, dentro da relativa, não pode ser preenchida, como nas frases agramaticais (8) a e b:

- (8) a. *A comida **de que** elas gostam **dela**.
b. * A moça **cujo** vestido **dela** é longo.

Em seu estudo a Corrêia (1998) também apresenta outras línguas, tais como: inglês indiano sul-africano, francês de Montreal e português do Brasil, que fazem uso de relativas resumptivas, inclusive com o pronome lembrete nulo. Para tanto, a autora descreve os estudos de Mesthrie e Dunne (1990) sobre relativas de uma variedade de inglês falada na África do Sul. Como é apresentado nos exemplos abaixo:

- (9) a. One chap who used to stay here, he was a builder – Arjun. (op. Cit., ex. (28))
‘Um rapaz que costumava estar aqui, ele era um construtor – Arjun’.
- b. I was a girl that I always used to read in the bus (ex (26))
‘Eu era uma garota que (eu) sempre costumava ler no ônibus’
- c. I’m very well versed with Afrikans, but there’s nobody I can speak. (with > Ø)
‘Eu sou bem versado em (línguas africanas, mas não há ninguém (com quem)) eu possa falar’. (ex (32))

Os exemplos acima mostram a execução de estratégias discursivas tais como: topicalização com aposição pronominal (9 a); estratégia com pronome lembrete (9 b) e a relativa cortadora (9 c) em que o pronome resumptivo não é lexical.

Ainda sobre o estudo, a autora aponta que uma outra língua que faz uso maciço da topicalização e tem relativa resumptiva é o francês, como pode ser observado dos exemplos dispostos abaixo:

- (10) a. La filie, elle pleurait (Op. Cit. ex. (11))
‘A menina, ela chorou’
- b. Tai une de mês amies que je suis amie avec elle depuis Pâge de 11 ans.
‘Eu tenho uma de minhas amigas que eu sou amiga dela desde os 11 anos’

Já em uma pesquisa sobre o espanhol, a aparição do pronome resumptivo é favorecida por certos entornos que impedem e dificultam a extração do relativo. Deste modo, o resumptivo se apresenta em torno de uma ilha sintática, de modo a evitar uma

sequência agramatical, como nos exemplos abaixo em que o pronome lembrete aparece quando uma fronteira oracional aumenta a distância entre o antecedente e a ausência do pronome. (BRUCART, 1999)

- (11) a. Los libros que no sabés dónde te dijeron que los dejaron. (Op. Cit. ex (4))
 ‘Os livros que não se sabe onde te disseram que [eles] os deixaram’.
- b. Em lo que respecta a niños, mirá, es un trabajo que me gusta mucho hacerlo.
 ‘No que diz respeito a crianças, olhar, é um trabalho que realmente gosto de fazer.’

Dessa forma, os aspectos semânticos das orações relativas demonstram que o papel dos específicos relativos é influenciar sobre unidades intensivas, dando origem a entidades da mesma classe que devem ser posteriormente atualizadas para adquirir seu valor extensional. Desse modo, os contextos que favorecem a aparição de relativas com pronomes resumptivos, também admitem a extraposição das relativas, atuando como contextos inibidores da aparição de orações relativas verdadeiramente restritivas.

O uso do pronome lembrete em língua portuguesa corresponde a realizações não canônicas das estruturas de relativização, o que pode ser caracterizado pela manifestação de propriedades, tais como: ocorrência da anáfora lexical na posição sintática relativizada; aparente violação de restrições de ilha; ausência da preposição regente da categoria *que*; mapeamento dos constituintes não argumentais na sintaxe da relativa; e o uso de *que* em detrimento de *quem*, *cujo*, *quando*. Tais características são identificadas como condições estruturais e sociolinguísticas que permitem ou determinam sua manifestação (TARALLO, 1983; CORRÊA, 1998, entre outros).

Considerações finais

Este estudo sobre a aquisição de orações relativas no contexto de L2 demonstrou que a previsão de determinadas características linguísticas encontradas em todas, ou na maioria das línguas do mundo, associadas aos mecanismos cognitivos dos usuários da língua, são responsáveis não só pela natureza, mas também, pela aquisição dessas línguas.

Dentre tais características, o pronome resumptivo representa uma estratégia que permite revitalizar posições distantes e atravessar fronteiras oracionais, sinalizando para um uso da língua mais relacionados ao contexto da fala, além de facilitar o desenvolvimento das intenções comunicativas e contribuir para o entendimento dos enunciados produzidos e interpretados.

Para efeito de aquisição, é importante destacar a hipótese de que a aparição de pronomes resumptivos nas orações relativas não parece ser gerado de forma livre, mas sua distribuição é universalmente regulada por considerações de último recurso. Esta hipótese prevê que o processo de aquisição de uma língua apresentará estágios diferentes, na medida em que o uso de pronomes resumptivos for considerado.

Ressalva-se, no entanto, que o objetivo deste estudo não foi de quantificar ou descrever diferenças dialetais quanto às construções relativas. A exposição dos exemplos permitiu que se testasse sua aplicabilidade, fator que sinaliza para o desenvolvimento de pesquisas que identifiquem as propriedades de recorrência das relativas topicalizadas em função da influência de aspectos contextuais, semânticos e pragmáticos de uso de dada língua.

Referências

- BRUCART, J. M. La estructura del sintagma nominal: Las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. vol. 1, cap. 7. Colección Nebrija y Bello. Real Academia Española. Madrid: Espasa, 1999. 395-522.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- COOK, V.; NEWSON, M. **Chomsky's Universal Grammar**. 2 ed. Oxford. Malden, Massachusetts. Blackwell Publishers, 1996.
- COMRIE, B. **Language universals and linguistic typology. Syntax and morphology**. Ed 2. Oxford, 1989.
- CORRÊA, Vilma Reche. **Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil**. 1998. 174 páginas. Tese (Linguística) – UNICAMP, Campinas, SP. 1998.
- ECKMAN, F. R. Some theoretical and pedagogical implications of the markedness differential hypothesis. **Studies in Second Language Acquisition** 7:289-307, 1985.
- ECKMAN, F. R. Linguistic typology and second language acquisition. In: JAE, J. Song, (Org.). **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. OUP Oxford: Cap. 5, 2010, p. 618-633.
- ELLIS, R. **Understanding Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- GIACALONE RAMAT, A. Typological universals and second language acquisition. In: SCALISE, E. S. Magni, & BISETTO, A. **Universals of language today** (p. 253–72). Dordrecht, Netherlands: Springer. 2009.
- HAMILTON, R. Is implicational generalization unidirectional and maximal? Evidence from relativization instruction in second language acquisition. **Language Learning** 44:123-157, 1994.
- KEENAN, E. L.; COMRIE, B. **Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar**. Linguistic Inquiry. Vol. 8. Nº 1, The MIT Press, p. 63-99, 1977.
- LEVELT, W. J. M. **Speaking: from intonation to articulation**. Cambridge: London, 1989.
- PIRES, M. E. Sobre o sistema de posposições em língua indígenas brasileiras: um estudo tipológico. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces, no 40, p. 223-237, 2010.
- ROBINS, R. H. **Comparação Linguística**. Trad. Elizabeth Corbetta A. da Cunha e outros. In: CARSON, N. M. et al. *Linguística Geral*. Ed. 2, Porto Alegre – Rio de Janeiro, Globo, 1981. p. 305-357.
- TARRALO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Ph.D. Dissertation. University of Pennsylvania, 1983.
- WHALEY, L. J. **Introduction to typology the unity and diversity of language**. Califórnia: Sage Publications, 1997.

Submetido em: 25 de janeiro de 2020

Aprovado em: 28 de junho de 2020